

Decorreu em Veneza, de 26 a 30 de Setembro, um Encontro Internacional dos Anarquistas para estudo e reflexão sobre as tendências autoritárias e as tensões libertárias nas sociedades contemporâneas e da iniciativa do Centro de Estudos Libertários G. Pinelli, ^{de Milão,} do Anarchos Institute de Montreal, Canadá, e do Centro Internacional de Investigações sobre o Anarquismo, de Genève. Teve a participação de muitos anarquistas de todas os continentes e que naqueles dias se distribuíram por diversas actividades.

Na Praça de S. Polo foi montado um grande stand em que estavam expostos muitos painéis históricos dos movimentos anarquistas de diversos países e outros com as principais manifestações artísticas em que o Anarquismo teve presença. Houve intervenções de Arturo Schwartz sobre "Anarquismo e Surrealismo", e de Pietro Ferrua, professor universitário nos Estados Unidos, sobre "Arte e o compromisso social".

Na Praça de S. ta Margherita foram montados vários standes e onde funcionavam os serviços de informação, restaurantes, livraria e teatro ao ar livre, que funcionava à noite livremente.

As sessões do Encontro realizaram-se na Faculdade de Arquitectura em três salas, onde decorreram os debates sobre variados temas da problemática social, muito participados, com tradução simultânea em inglês, francês, espanhol e italiano.

X Não se tratou de um Congresso para aceitar e consagrar teses oficiais de qualquer comité central no género dos partidos marxistas, nem simples romagm de saudade e homenagem a um passado embora fecundo, mas, muito principalmente, debates preocupados com os grandes problemas da actualidade, do mundo em transformação e convulsão, em que o Estado domina cada vez mais a sociedade pela simples lógica do poder e do lucro, com os cada vez maiores poderes de informatização e de centralização em que a pessoa humana desaparece na visão dantesca de Orwell.

X Atento ao mundo em que vivemos, às transformações que se estão operando, o Anarquismo também não esquece a sua experiência do passado, a lógica da sua utopia que é a sua permanência e actualidade constante, como da sua presença no movimento operário e na formação do sindicalismo como instrumento de defesa e de intervenção operária na formação de uma sociedade genuinamente socialista.

X O desenvolvimento tecnológico da produção, alterando todas as relações de trabalho e abrindo maior intervenção do Estado no domínio dessas relações, conduziram o sindicalismo a tornar-se um instrumento de mediação do mesmo Estado a condicionar os trabalhadores aos interesses do capitalismo privado ou estatizado. Depois, até onde irão as consequências do desenvolvimento tecnológico eliminando vultuosas quantidades de mão de

obra sem outras soluções que não sejam o subsídio estatal, de qualquer modo a esmola e a dependência absoluta do Homem?

O debate sobre "O proletariado militante e o sindicalismo" abrangeu, além da análise das consequências alienantes do sindicalismo comparsa da negociação em situação de inferioridade, as soluções alternativas como um sindicalismo de espaço social para além dos limites dos problemas do salário, categorias ou prémios.

Noutro debate na mesma área relativo às condições dos trabalhadores no malogrado "mundo socialista" do leste, com a intervenção de elementos oriundos desses países, foi dissecado todo o processo de produção no sistema de "salário à peça", típico de uma exploração mais requintada, mas também frustrada pelos métodos de defesa que se improvisam como fuga ao sistema,

No debate sobre "Comunismo de Estado", participado por polacos, chineses e outros elementos dos países da leste, foi vivamente dissecado o sistema e analisadas as degenerescências marxistas dos postulados verdadeiramente socialistas. Noutro debate "Qual revolução" foram analisadas os acidentes e as consequências da revolução russa e espanhola de 1936 e foi posto em destaque as sobrevivências autoritárias que acabam por matar o próprio espírito revolucionário e as iniciativas de inovação. A "grande revolução" será principalmente as conquistas quotidianas, a capacidade de iniciativas comunitárias e a elaboração de alternativas que alicercem novas conquistas que dêem esteio às experiências libertárias concretas,

Na sessão dedicada ao tema "O Estado e a Anarquia" Eduardo Colombo fez uma profunda análise do Estado como paradigma do poder autoritário, aprofundando todas as consequências do marxismo-leninismo na degradação do socialismo nos seus postulados humanos.

O tema "Cidade, poder e libertação" foi um debate vivo e crítico da cidade burocrática, aglomeração tumultuosa ou concentracionária propícia ao poder autoritário e incontrollável e de pulverização da pessoa humana. A gestão local das povoações foi confrontada pela prática municipalista dos países nórdicos e onde os ainda se mantém viva e participada directamente pelas populações e a da Europa ocidental completamente subordinada à superintendência do Estado.. Foi defendido o renascimento de um municipalismo libertário pela participação directa da população contrária ao domínio das partidos políticos como feitores das autarquias em exclusivo benefício do poder do Estado e das oligarquias.

Teve grande relevo o debate sobre "Ecologia Social". O Anarquista norte-americano Murray Bookchin, autor do recente livro "Ecologia e Liberdade" e director do Instituto de Ecologia Social de Vermont, fez uma análise profunda dos problemas da ecologia. Alargando o quadro ecológico, rejeitando o atomismo à maneira de Locke, e prevendo uma concepção específica

da evolução natural, insiste em considerar a evolução como o desenvolvimento de "ecossistemas". Considera a comunidade como base da evolução natural e o conceito ecológico a chave da unidade ~~da~~ diversidade, o que explica a emergência da liberdade como conceito ecológico.

O conceito anarquista da ecologia ultrapassa muito para além da bucólica defesa do regato, da árvore ou a simples condenação da chaminé fumarenta ou até mesmo dos detritos nucleares.

Embora fora dos êxitos e batalhas eleitorais e a sua limitada presença nos grande acontecimentos mundiais, especialmente depois da revolução espanhola, o Anarquismo está vivo e presente na geração de novos movimentos alternativos que respondem às inquietações da visão orwelliana,

A desagregação generalizada de todos os esquerdismos marxistas e as alienações do socialismo e da social-democracia no seu caminho para as formas "suaves" de totalitarismos, vão dando aparecimento a formas residuais que para se reerguerem se vão qualificando de "libertárias" como forma de resgate ou de penitência. Embora sendo um sintoma que o marxismo não subverteu o Anarquismo enquanto se esgotou, essas novas florações não se podem confundir mesmo que sejam cedências ao verdadeiro espírito libertário,

Vivemos numa fase histórica que ultrapassa os padrões delidos pelas grandes opções,

Emídio Santana

Emídio Santana